



Substância

Sociologia

MÓDULO-DEGUSTAÇÃO

MICHAEL CRUZ
THIAGO CRUZ

Índice

AULA

01

DEGUSTAÇÃO 1:

Sérgio Buarque e as Raízes do Brasil

TESTES

01

TESTES-DEGUSTAÇÃO 1:

Testes sobre Sérgio Buarque





UMA LEITURA PROVOCATIVA DO BRASILEIRO

Sérgio Buarque e as Raízes do Brasil

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) é um dos mais importantes intérpretes da história brasileira. Acima de tudo acadêmico e historiador do Brasil, Holanda também foi notável intérprete da cultura e da literatura do país. Sua incursão como sociólogo se dá com a publicação de uma obra cujo estilo ensaístico não se repetiria em mais nenhum de seus escritos: *Raízes do Brasil*, cuja primeira edição veio a público em 1936.

A década de 1930 é determinante para o futuro do país: representa o fim da República Velha e o início da Era Vargas. Em 1936, o Brasil estava às portas do Estado Novo varguista, que realizaria ações modernizadoras. À beira desses acontecimentos, Holanda se dedica a compreender o que até então dera **unidade à cultura e à sociedade brasileiras**, bem como se arrisca, ao melhor estilo da **pura tipologia social weberiana**, a apresentar um **perfil típico do brasileiro** - o famigerado **homem cordial**. São duas as finalidades sociológicas: a primeira delas é o esforço em dar um passo à frente junto às interpretações regionalistas (reforçada em larga medida pela literatura ficcional do país), buscando uma unidade



interpretativa do Brasil; a segunda é fazer oposição ao que o autor via como o demasiado otimismo de Gilberto Freyre em seu *Casa-Grande & Senzala*, publicado três anos antes, cujas teses sobre a miscigenação e sobre o suposto “convívio racial harmônico” começavam a se estabelecer dentro e fora do Brasil. Holanda pretendia mostrar que **as mesmas características facilitadoras da miscigenação racial seriam também a base de uma cultura com grandes dificuldades de se tornar politicamente uma República**, bem como avançar na direção de uma economia liberal tal como a que se consolidava na América do Norte e na Europa, a despeito das sombras dos regimes totalitários que então emergiram.

Raízes do Brasil divide-se em sete capítulos. Os dois primeiros (“Fronteiras da Europa” e “Trabalho & Aventura”) tratam efetivamente de nossas “raízes”: a cultura lusitana e as suas peculiaridades, bem como o que ela implicou no processo de colonização do Brasil. Se tais raízes pertencessem, num esforço metafórico, a uma árvore, poder-se-ia assinalar que os capítulos três e quatro (“Herança Rural” e “o Semeador e o Ladrilhador”) seriam o seu “tronco”, isto é, os modos de vida,

hábitos, formação econômica, social e o processo de urbanização do país. Por fim, os três últimos capítulos (“O Homem Cordial”, “Novos Tempos” e “Nossa Revolução”) apresentar-se-iam como os frutos, discorrendo sobre **o que faz do Brasil o que ele é**: o comportamento social típico do brasileiro, formas de organização em sociedade, bem como uma prospecção a respeito dos desafios políticos futuros do país – e quais as esperanças em lidar com eles.

Segundo Holanda, o povo lusitano tem qualidades antropológicas diferenciadas dos demais povos surgidos em zonas temperadas do continente europeu: seria **extrovertido e personalista** em seu trato – marcas peculiares a povos cuja formação social se deu em regiões quentes ou litorâneas. O autor já percebia entre os portugueses características que se tornaram salientes entre as interpretações do Brasil: o seu apego à rotina e a frutos concretos e imediatos de esforços, sendo refratário ao cálculo abstrato, ao trabalho mecânico e ao planejamento de longo prazo. **Estatismo e burocracia estamentais** seriam então características que, entrecruzadas ao **personalismo**, teriam como consequência o apego a rótulos de honraria e condecorações



oficiais por indicações pessoais. Todos esses predicados, ao invés de serem atenuados na empreitada colonialista portuguesa no Brasil, teriam efetivamente recrudescido, potencializando-se.

Nesse sentido, Holanda, a despeito da base antropológica em sua especulação, foge da tese determinista da colonização brasileira, segundo a qual “forças centrífugas” do meio tropical brasileiro teriam coagido os portugueses à **colonização exploratória** e escravocrata do país. Ao contrário, o autor assinala que foi mais por **vontade dos colonizadores** (e justamente por conta de sua cultura e perfil social) que os portugueses fizeram do Brasil o país continental que mais tempo foi dependente da economia rural e escravocrata da grande propriedade. Em suma, o **ruralismo**, bem como a cultura escravocrata, aristocrata e hierarquizante (que vieram a reboque dessa cultura na formação do Brasil) representam a acentuação de traços marcadamente portugueses.

As implicações sociais dessas raízes não entusiasma. À medida que as potências modernas da Europa e da América do Norte se esforçaram por tornar suas economias mais dependentes da produção e do consumo internos, no Brasil se intensificava a **produção mercantilista para consumo externo**; enquanto as sociedades ocidentais se direcionaram para **formas econômicas em meios urbanos**, o Brasil se tornava cada vez mais vinculado à **produção rural**; se por um lado o capitalismo moderno se mostrou cada vez mais liberal e comercial, por outro lado no Brasil persistia uma **economia escravocrata orientada pelo Estado**; se a fundação das cidades modernas, até mesmo as de colonização hispânica, obedeceu a lógica geométrica da “linha reta”, as **cidades brasileiras foram fundadas ao sabor do improviso das vontades individuais e de lideranças familiares**, contribuindo para muitas desigualdades sociais nos

afeto e política



a cordialidade...

meios urbanos. Por fim, ao passo que o Ocidente desenvolveu modos de vida sociais racionalmente orientados por parâmetros impessoais e meritocráticos (ideais a um projeto político Republicano), no Brasil surge uma sociedade sem grandes iniciativas autônomas, mas planejadas pelo Estado, bem como uma elite política agrária orientada por valores oligárquicos de natureza personalista e familiar.

Para Holanda, é justamente essa natureza **pessoalizante** das relações políticas, sociais e econômicas o legado cultural brasileiro para o mundo. **O Homem cordial** seria o tipo puro social do Brasil. Aqui, a expressão "cordial" pode ser enganosa (e de fato continua a ser para muitos importantes intérpretes). Como alerta o autor, **cordialidade** não se refere à civilidade ou à pura candura no trato com os outros, mas ao **modo de relacionar-se orientado pelo afeto**. Como alerta também Holanda, "tanto o amor quanto o ódio têm como porta de entrada o afeto". Seria precisamente **o viés afetivo que explicaria a conservação de hierarquias autoritárias nas relações sociais**, explicando em larga medida a persistência de lideranças políticas tradicionais, carismáticas e populistas.

Diante dessa configuração, o autor assinala que é o forte traço cordial da cultura brasileira uma das causas centrais para a existência de uma **bússola de orientação aristocrática nas aspirações profissionais** no país. O "**bacharelismo**" e o "**sanitarismo**" sempre tão sedutores entre nós, além de um vício das burocracias estatais, manteriam relações hierárquicas de obediência das classes inferiores para com as figuras de autoridade. A ânsia por se tornar "doutor" revelaria tanto a dimensão aristocrática de aspiração profissional, quanto uma sociedade não educada para empreender economicamente por seus esforços individuais.

Por fim, a cordialidade brasileira mostra-se adequada ao discurso de



autoridade inerente à tradição política positivista. No entanto, as duas correntes ideológicas em franco embate à época na qual *Raízes do Brasil* foi publicado não teriam terreno fértil no país. O afeto personalista impõe um grande obstáculo ao Comunismo, que tem como base a reverência prolongada a uma autoridade de discurso coletivista que dissolve o indivíduo. De outra parte, a ótica personalista da vida social forma um obstáculo ao Liberalismo, pois este tem como elementos cardeais a razão econômica e o mérito individual inexistentes na cultura brasileira. Em suma, um futuro tão incerto quanto instigante teria o Brasil à luz da leitura social de Sérgio Buarque de Holanda.

um projeto civilizatório?

